

Moçambique

# Inferno e esperança em Morrua

Num canto escuro ouvia-se uma criança a gemer. Ia morrer de fome antes do cair da noite

**Michael Hiltzik**  
Morrua (Moçambique)

**A**S PRIMEIRAS notícias da catástrofe que ameaçava esta antiga vila mineira, situada no interior, foram dadas por um bando de 50 homens nus e esfaimados.

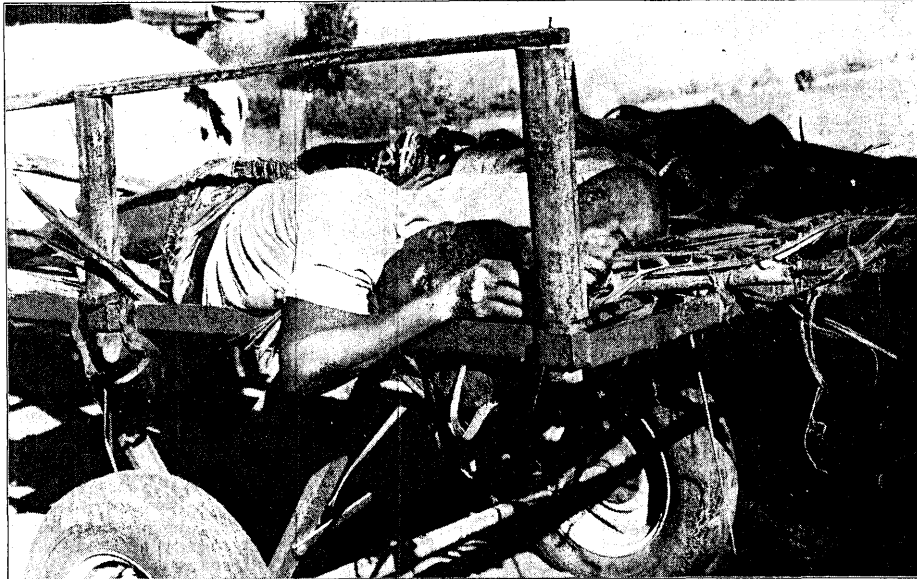
Saíram um dia do mato, aparecendo num centro de distribuição de alimentos criado para acudir a situações de emergência, em Gile, cerca de 65 km para leste, vestidos só com tiras de casca de árvore e pedindo sementes e utensílios agrícolas. Há 20 mil pessoas nas mesmas circunstâncias do que nós em Morrua, disseram a um funcionário assombrado da **World Vision International**, uma organização humanitária de Monrovia, na Califórnia, que está a ajudar a alimentar os refugiados, vítimas da guerra entre o governo da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) e a Resistência Nacional Moçambicana, ou Renamo, um movimento de oposição que foi apoiado durante muito tempo pela África do Sul, guerra essa que já dura há 15 anos.

Uma semana depois Joseph Devries, um dos superintendentes da **World Vision** em Quelimane, uma capital de província, aterrou com um responsável dos serviços de Saúde na pista rochosa do aeródromo de Morrua, no sopé de uma montanha arredondada. O avião em que se deslocavam foi o primeiro a aterrar no local nestes últimos oito anos.

Em Morrua, uma vila do Norte de Moçambique, reinava o silêncio terrível de uma comunidade que está tão doente que já não tem força senão para uma série interminável de funerais. Numa baraca situada perto do centro da povoação, encontraram uma família de sete pessoas que regressava do seu quinto enterro. Num canto escuro ouvia-se uma criança a gemer. Ia morrer de fome antes do cair da noite, disseram-lhes.

## Livres para morrer

Nessa mesma noite Devries mandou um telex urgente a John Yale, o responsável da **World Vision** em Maputo, a capital de Moçambique, anunciando que tinham sido libertadas mais 20 000 pessoas que se encontravam até aí em território controlado pelos rebeldes. Depois de terem vivido durante muitos anos ao nível da subsistência, dominados pelos rebeldes da Renamo, agora estavam livres, mas numa situação pior



Vítimas da violência em Moçambique  
Há mais de 200 mil crianças órfãs ou separadas da família

do que nunca, sem comida, sementes ou utensílios agrícolas. Efectivamente estavam em risco de morrer devido a essa libertação.

Hoje Moçambique é assim: um país de 14,5 milhões de habitantes, que, 15 anos depois de ter conquistado a independência, tem finalmente perspectivas de paz e desenvolvimento, mas que não tem possibilidades de tirar partido dessas perspectivas. É um país à beira da catástrofe.

Moçambique é um país rico em minérios e, do ponto de vista agrícola, com potencialidades muito superiores à de outros países africanos como o Sudão e a Etiópia, onde a pobreza dos solos e as secas, condições agravadas pela guerra civil, produziram já várias vítimas de fome. Moçambique podia produzir alimentos em quantidade suficiente para manter o seu povo e ainda produtos de exportação como amendoim e algodão. Mas nos 15 anos que se seguiram à independência não houve praticamente desenvolvimento no país.

As poucas estradas que existiam em 1975, para servir as regiões agrícolas potencialmente ricas, foram destruídas, as pontes derrubadas ou minadas. Um milhão de moçambicanos vivem refugiados em países vizinhos, em condições de miséria, e mais 2 a 3 milhões de pessoas foram deslocadas das suas aldeias, dentro das fronteiras do país.

Morrua, que foi outrora um centro agrícola e mineiro próspero, é um microcosmos da situação de Moçambique: as pessoas vivem na miséria, incapazes de tirar partido das grandes riquezas da região.

A **World Vision** conseguiu do governo autorização para se deslocar a Morrua por via aérea, três meses depois de a cidade ter sido «libertada» dos rebeldes, em Julho, por um exército de voluntá-

rios, chefiado por um chefe espiritual local.

No princípio de Dezembro, depois da **World Vision** ter organizado uma ponte aérea para transportar para a cidade alimentos e provisões de emergência para os mais desnutridos, o número de mortes registadas no centro de distribuição de alimentos descerá para duas ou três por dia, das 35 que se verificavam inicialmente. Mas só tinham chegado a Morrua metade das 500 toneladas de alimentos necessários para alimentar toda a população.

No dia 30 de Novembro, a ponte aérea foi interrompida: esgotou-se o combustível de avião em Quelimane. Entretanto tinha chegado uma remessa, mas não estava em condições de ser utilizada. Só ao fim de duas a três semanas seria possível obter mais combustível — e, entretanto, o número de mortes em Morrua aumentou outra vez consideravelmente.

Mesmo assim Morrua ainda não está em tão má situação como muitas outras comunidades de deslocados, o termo utilizado para designar tanto os refugiados que foram expulsos das suas terras, como também os recuperados, ou seja, os indivíduos que viveram durante anos em condições horríveis, sob o domínio dos rebeldes da Renamo, cruéis e destrutivos. Pois Morrua tem um aeródromo com uma pista utilizável e até aqui há pouco tempo recebia regularmente remessas de alimentos, além do que as terras cultiváveis da região são ricas.

## Cansaço dos dadores

Mas para cada Morrua há pelo menos uma Mulevala, uma outra zona situada a cerca de 60 km, onde as dimensões da catástrofe humana ainda não puderam ser avaliadas, pois o acesso a essa zona é muito difícil. Há tal-

vez umas 30 000 pessoas em Mulevala, que recebeu uma remessa de alimentos em Novembro, transportados sob escolta militar, só devendo receber uma segunda remessa ao fim de um mês.

Não é possível aceder a Mulevala por via aérea, pois a Renamo sabotou o aeródromo local, escavando uma dúzia de valas fundas, atravessadas na pista. Em Novembro dois pilotos tentaram aterrar em Mulevala. Um deles era o piloto de um helicóptero soviético, que disse ter sido atingido por tiros disparados de terra. Ambos se negaram a repetir a tentativa.

Esta situação é agravada por um novo fenómeno que se faz sentir no Terceiro Mundo: o cansaço dos dadores. A doença manifestou-se pela primeira vez na Etiópia, quando os organismos internacionais começaram a mostrar-se renitentes em continuar as suas dádivas anuais de alimentos de emergência, avaliadas em 350 milhões de dólares anuais. A primeira grande manifestação deste fenómeno em Moçambique verificou-se este ano, quando a ajuda alimentar prometida pelos dadores foi inferior em 50 por cento à ajuda de emergência solicitada pelo governo. Além disso só cerca de metade da ajuda prometida chegou a tempo.

Os dadores tradicionais de Moçambique desapareceram — literalmente, no caso da Alemanha Democrática, que foi em tempos um dos grandes fornecedores de ajuda técnica. Actualmente a sua contribuição está incluída na ajuda no valor de 25 milhões de dólares fornecida anualmente pela Alemanha, ao abrigo de um dos programas mais restritos da ajuda bilateral europeia. A União Soviética fornecia a Moçambique quase todo o petróleo consumido no país, em condições de crédito que na prática equivaliam a uma dádiva.

Mas esse país debate-se com uma crise económica que o obrigou a atender prioritariamente aos seus próprios problemas, e a factura do petróleo de Moçambique vai aumentar este ano de zero para 140 milhões de dólares.

No entanto há algumas notícias boas no meio disto tudo. O governo celebrou, recentemente, um cessar-fogo limitado com a Renamo, o primeiro acordo de qualquer tipo concluído entre as duas partes nestes últimos quinze anos. E a nova Constituição de Moçambique consagra o princípio da democracia multipartidária e elementos de uma economia de mercado.

Portanto os moçambicanos estão esperançosos em que o fim da guerra civil está à vista, ainda que a luz no fundo do túnel brilhe só lá muito ao longe. Um dos seus objectivos prioritários é salvar as crianças dos efeitos de 30 anos de guerra — 15 de insurreição anticolonial, seguidos por mais 15 anos de guerra com a Renamo — e do subdesenvolvimento. A guerra destes últimos 15 anos foi particularmente brutal, pois os rebeldes e bandos de «bandidos» armados, que tanto podiam ser rebeldes como soldados do exército moçambicano ou desertores dos dois lados, praticavam os raptos em grande escala e a tortura.

«Seja qual for o resultado da guerra, várias gerações sofreram grandes privações, em termos físicos, devido à subalimentação, e em termos de instrução», diz Sérgio Vieira, director do Centro de Estudos Africanos da Universidade Monclane de Maputo.

## Órfãos em cartazes

Num pequeno gabinete, no Maputo, uma equipa financiada pela fundação norte-americana **Save the Chil-**

**dren** está a preparar cartazes com fotografias, a preto e branco, colocando uma dúzia de fotografias em cada cartaz. São os retratos dos órfãos de Moçambique, um termo que designa não só as crianças cujos pais foram mortos, como também muitas outras que foram separadas das suas famílias pela guerra. Algumas são tão pequenas ou foram levadas para tão longe das suas casas que nem sequer sabem onde vieram.

Abucrag Sultan, director dos programas infantis do Departamento dos Assuntos Sociais, iniciou este programa de identificação das crianças e reunião das famílias em Julho de 1988, data em que, de acordo com os cálculos da UNICEF, havia em Moçambique mais de 200 000 crianças órfãs ou separadas das famílias. Mas há quem diga que esse número é muito inferior à realidade.

«Ninguém sabe ao certo quantas crianças estão nessas condições» diz Sultan. «Todos os dias há pessoas que são raptadas e separadas das suas famílias.»

Este programa destina-se em grande medida a tentar resolver os problemas psicológicos de toda uma geração de crianças moçambicanas. Mesmo as que se encontram numa instituição, que lhes dá abrigo e alimento, sofrem grandes privações, porque esses estabelecimentos não podem proporcionar às crianças o estímulo e a atenção que receberiam das suas famílias.

«Um orfanato que acabo de visitar tinha capacidade para 35 crianças, mas estavam lá 76, e sem pessoal», diz Sultan. «Não sabemos qual é o prognóstico a longo prazo para as crianças que foram torturadas. Há crianças que estão emocionalmente perturbadas, mas nas escolas há três turnos por dia e 100 crianças em cada aula e os professores não podem dar atenção a essas problemas. A melhor solução para já seria entregar essas crianças às suas famílias.»

Mas a tarefa é demorada e complexa. Muitas vezes as jovens vítimas foram levadas para muito longe das suas casas, pois quando os bandidos rebeldes chegaram, toda a comunidade se dispersou, os pais fugiram à pé e as crianças, mais lentas, foram capturadas. Depois de terem sido encontradas ou libertadas do domínio dos rebeldes, muitas vezes não sabem nem são capazes de explicar onde é que vieram.

«Quando não temos informações, vamos por palpites, baseando-nos no grupo linguístico da criança, no grupo étnico a que pertence, etc.», diz Sultan. Desde o início do programa, o Departamento dos Assuntos Sociais já conseguiu descobrir a origem de 8000 crianças e entregar 4000 a membros das suas famílias.

© The Washington Post — Los Angeles Times News Service/O Journal